
AS SAGRADAS DE ASHERAH: CULTO À DEUSA NO ANTIGO ISRAEL *



Sue'Hellen Monteiro de Matos**

Resumo: *o presente artigo propõe realizar um levantamento acerca do culto da fertilidade e os papéis das sagradas (qedoshot) de Asherah, e também dos sagrados (qedoshim) que faziam parte deste ambiente cultural, tendo em vista a religião popular e estatal no Antigo Israel. Para tal, se faz necessário um breve comentário acerca da dinâmica entre religião popular e estatal no Antigo Israel e os indícios arqueológicos e textuais sobre o culto à Deusa Asherah, para que então, se possa discorrer sobre o culto da fertilidade e as mulheres sagradas a serviço da Deusa.*

Palavras-chave: *Sacerdotisa. Asherah. Culto. Deusa. Culto de Fertilidade.*

A pesquisa acerca do culto às Deusas no Antigo Israel tem crescido ao longo das últimas décadas. Achados arqueológicos contribuíram para este avanço na pesquisa no campo da literatura e religião no mundo bíblico. A Deusa Asherah, outrora esquecida nas entrelinhas dos textos bíblicos, reencontra o seu lugar no campo da pesquisa. Juntamente com o culto à Deusa, o culto da fertilidade, o qual era popular entre habitantes do Levante. Entrementes, ao mesmo tempo em que é popular, o culto a Deusa também é estatal, e, por isso, é fundamental compreender a dinâmica entre religião popular e religião estatal, que será abordada no primeiro item.

* Recebido em: 10.12.2018. Aprovado em: 15.02.2019.

** Doutoranda em Ciências da Religião (UMESP). Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Graduada em Biomedicina (UNINGÁ, Maringá/PR) e em Teologia (FATIPI, São Paulo/SP). Membro do Grupo de Pesquisa Arqueologia Bíblica (UMESP). Professora de Hebraico e Grego instrumental, Literatura Profética I e Teologia Sistemática I (UNIMES). E-mail: suehellen.matos@gmail.com

Isto posto, este ensaio busca discutir sobre as mulheres sagradas de Asherah, as *qedoshot*, e a sua participação no culto à Deusa. Evidentemente, não se trata de um culto exclusivo feminino, por isso, neste serviço à Deusa, discutiremos também a participação dos *qedoshim* no culto, em especial, nos cultos de fertilidade.

RELIGIÃO POPULAR E ESTATAL NO ANTIGO ISRAEL

A dinâmica da vivência da fé no Antigo Israel era vivida em diversos lugares. De acordo com Albertz e Schmitt (2012, p.19-20), na idade do Ferro, havia os seguintes locais: 1) culto doméstico nas casas; 2) santuários domésticos; 3) lugares de culto relacionados ao trabalho; 4) santuários do bairro; 5) lugares para cuidar dos mortos; 6) culto local que pode ser realizado nos: a) santuários de aldeia, b) santuários ao ar livre, c) santuários de portões; 7) santuários do palácio; 8) santuários regionais que podem ser ao ar livre ou templos; 9) santuários de estados supra-regionais.

A religião popular se preocupa com as questões familiares cotidianas, tais quais doenças, fertilidade, amor, felicidade e segurança. Havia na casa uma divindade guardiã, para qual se prestava culto e oferendas para conseguir ajuda dela, ou até mesmo para aplacar a sua ira. Também realizavam práticas mágicas para expelir espíritos ruins. Entretanto, no Antigo Testamento as menções a sacrifício são sofisticadas, refletem santuários e templos, por isso as práticas familiares quase não são atestadas. Apenas faz-se alusão a elas ou então devem ser inferidas, como o exemplo do sacrifício anual de Elcana em Silo (1Sm 1) (GERSTENBERGER, 2007, p. 242-243).

De acordo com Albertz e Schmitt (2012, p. 45-46), a religião popular possui três círculos: 1) círculo interno que se refere aos rituais realizados dentro das casas por famílias nucleares; 2) o círculo médio que engloba rituais perto da casa por famílias maiores; 3) o círculo externo que se relaciona com rituais públicos em santuários locais, regionais e estaduais. No entanto, não há correspondência direta entre os participantes e a localização dos rituais. Uma família pode realizar o mesmo ritual, por exemplo, uma breve oração antes da refeição, em diferentes lugares, assim como uma mulher pode ir sozinha ao santuário da cidade para orar.

Durante o Estado centralizado era possível a prática religiosa plural no âmbito da aldeia e da família, uma vez que a fé exclusiva de Javé restringia-se ao nível de Estado, se é que de fato isso realmente aconteceu durante o período monárquico. Segundo Gerstenberger (2007, p. 242), as famílias continuavam a ter as suas divindades tradicionais, adorando-as nos lugares altos e em seus altares domésticos, mas, de acordo com autor, deve-se admitir a influência javista na

fé familiar. Contudo, até o final do séc. 6AEC., a camada popular pouco se importava com a exclusividade do culto a Javé. A religião da família é incrivelmente tenaz, ela pode sobreviver inclusive a insistentes estratégias oficiais para reprimi-la. Ela se adaptava às circunstâncias histórico-religiosas do contexto maior sem que seu cerne fosse por elas afetado.

Por outro lado, há uma tendência em ver a religião estatal como exclusivamente javista, em todo período monárquico. Todavia, os livros dos Reis revelam essa dinâmica entre a fé exclusiva de Javé e a pluralidade religiosa popular da vida familiar do povo israelita na esfera estatal. As reformas de Ezequias (2Rs 18,3-4) e Josias (2Rs 23,4-14), bem como diversos relatos de Reis que inseriram a Deusa no templo, por exemplo Manassés (2Rs 21,3-7), indicam a presença de Asherah no templo de Jerusalém, e também a presença de outros Deuses.

Conforme Anthonioz (2014, p. 139), havia uma representação oficial da Deusa que ficava no templo principal, o que de fato corresponde com os relatos bíblicos em alguns momentos da história israelita e judaíta, mas também havia muitos santuários no alto das montanhas e colinas onde havia a liberdade e acessibilidade para qualquer pessoa adorar a Deusa. Todavia, em ambos os casos, o julgamento deuteronomista é enfático em julgar ímpios e repulsivos quem serve à Deusa e a outros Deuses.

Além dos escritos bíblicos, as evidências arqueológicas contribuem para observar a pluralidade religiosa estatal. As inscrições que mencionam Javé e sua Asherah encontradas em Kuntillet 'ajrud, demonstram essa pluralidade. Isto porque Kuntillet 'ajrud, segundo Filkenstein (2015, p.166-168), é um sítio significativo para a monarquia do séc. 8 AEC., pois era uma estação de parada junto a uma importante rota que levava até o mar mediterrâneo e por onde passava um vasto comércio.

Ademais, estas inscrições retratam a significativa influência do Reino do Norte na religião judaíta, visto que o sítio fica ao sul do deserto de Judá, e a inscrição refere-se a Javé de Samaria. Além de contribuir para a compreensão dos cultos judaítas nesta época (KAEFER, 2016, p. 80). Desta forma, por se tratar de uma rota comercial, e até mesmo, de domínio monárquico¹, a adoração a Javé Asherah não era apenas no âmbito familiar. A bênção de Javé e Asherah encontra maiores espaços na vida das pessoas, no comércio, e também na monarquia.

Essa dinâmica entre religião popular e estatal demonstra que a religiosidade é fluida, principalmente no pré-exílio. Embora pouco, os cultos familiares foram influenciados pelo javismo estatal, do mesmo modo que a religião politeísta influenciou o culto oficial. Assim, não somente Javé era adorado em Jerusalém, mas também outros Deuses e Deusas. O popular encontrou seu espaço no oficial.

DEVOÇÃO À ASHERAH

A pluralidade religiosa, mesmo no período monárquico, era vivenciada pelo povo.

O livro de Oséias traz fortes indícios da presença da Deusa, e o seu culto, principalmente nos cimos dos montes. Por exemplo, na denúncia de Os 4,13 - “Nos cimos das montanhas oferecem sacrifícios, e sobre as colinas queimam incenso, debaixo do carvalho, do choupo e do terebinto, pois a sua sobra é boa. Por isso as vossas filhas se prostituem e as vossas noras cometem adultério” -, encontramos a presença escondida da Deusa-árvore, pois a palavra traduzida como “carvalho” na verdade é *elah*. Isto é, a forma feminina da palavra *'El*, e, literalmente significa “Deusa”. Desta forma, a sombra protetora que é boa é a sombra da própria Deusa (OTTERMANN, 2006, p. 279).

Ademais, Gerstenberger (2007, p. 170) ressalta o texto de Amós 8,14 como uma provável alusão a Deusa Asherah, pressupondo que *'ashmat shomeron* “culpa de Samaria” seja um erro ou distorção da expressão original *'ashrat shomeron* “Asherah de Samaria”, o que realmente teria mais sentido no texto profético, pois, ao invés de “juram pela culpa de Samaria”, o texto seria “juram pela Asherah de Samaria”.

Conforme Römer (2016, p. 158), apesar da presença da Deusa Asherah ser forte em Israel, suas origens, provavelmente, sejam oeste-semítica, apesar de que ela tenha sido evidenciada pela primeira vez na Mesopotâmia, na época de Hamurabi (séc. 18 AEC). No acádio e em hitita, aparece como *Ašratu(m)*, *Aširatu* e *Aširtu*; e na Mesopotâmia ela é relatada em três textos rituais da época selêucida. Contudo, a principal fonte de dados sobre a Deusa se encontra em textos ugaríticos do segundo milênio antes da nossa era. Em ugarítico seu nome é escrito *'atrt*, vocalizado *'Aṭirat(u)*. No ciclo de Baal, a Asherah aparece como a grande Deusa, consorte do Deus El e mãe dos Deuses menores do panteão, os quais são chamados de “setenta filhos de *Aṭirat*”. De acordo com Foher (2008, p. 58), pode-se acrescentar a representação da Deusa como uma mulher dando à luz e amamentando.

No Antigo Israel a Deusa Asherah era cultuada ao lado de Javé, embora os escritores bíblicos se esforcem para apresentar o culto à Deusa independente de Javé. Porém, sabe-se que Javé foi venerado como Deus nacional, o que dá a ele um lugar privilegiado no culto oficial, todavia isso não exclui, de forma alguma, a adoração de uma Deusa ao seu lado (RÖMER, 2016, p. 165). Evidências arqueológicas corroboram a adoração de um casal de Deuses. No templo javista de Arad foram encontradas duas estelas, uma maior (masculina) e outra menor (feminina). Na frente de ambos dois pequenos altares para queimar o incenso. Isto parece uma prova contundente que indica um culto a Javé e Asherah (KA-EFER, 2012, p. 33-34).



Figura 1: Templo de Arad.
Fonte: Kaefer (2012, p. 34).

Em Kintillet ‘Ajrud descobriram-se inscrições em duas jarras que sugere a crença em Javé e Asherah como sua esposa. Em uma das jarras encontra-se a seguinte inscrição: “Diz [...] Diga a Jehallel [...] Josafá e [...]: Abençoo-vos em YHWH de Samaria e sua Asherah”. Na outra jarra estão as palavras subsequentes: “Diz Amarjahu: Diga ao meu senhor: Estás bem? Abençoo-te em YHWH de Teman e sua Asherah. Ele te abençoe e te guarde e com meu senhor” (CORDEIRO, 2011, p. 35-39).

Juntamente com a inscrição acerca de Javé de Samaria e sua Asherah, há dois desenhos importantes, e que têm gerado bastante discussão na pesquisa, para compreender a associação de Javé e Asherah. No desenho frontal há divergências quanto a identificação das figuras divinas. Römer (2016, p. 161-162) apresenta uma breve discussão sobre a interpretação dos desenhos. Há proposta de interpretar a figura como dois deuses egípcios a frente e a Asherah estaria sentada em seu trono tocando lira. Contudo, não há em nenhum relato descrevendo Asherah como musicista, e o gênero feminino não é possível identificar. De acordo

com a interpretação de Mordechai Gilula, apresentada pelo autor, Asherah teria sido “masculinizada” ganhando um pênis como uma forma de censura à Deusa. Entretanto não está claro a presença do gênero masculino no desenho. Por outro lado, no verso da jarra, encontra-se ao centro uma árvore estilizada cercada por dois bodes selvagens sobre um leão. A árvore é próprio símbolo da Deusa, que, tem como seu animal favorito o leão. Portanto, o desenho representa a Asherah. Além disso, as inscrições encontradas nas jarras fortalece a crença no casal Javé e Asherah.

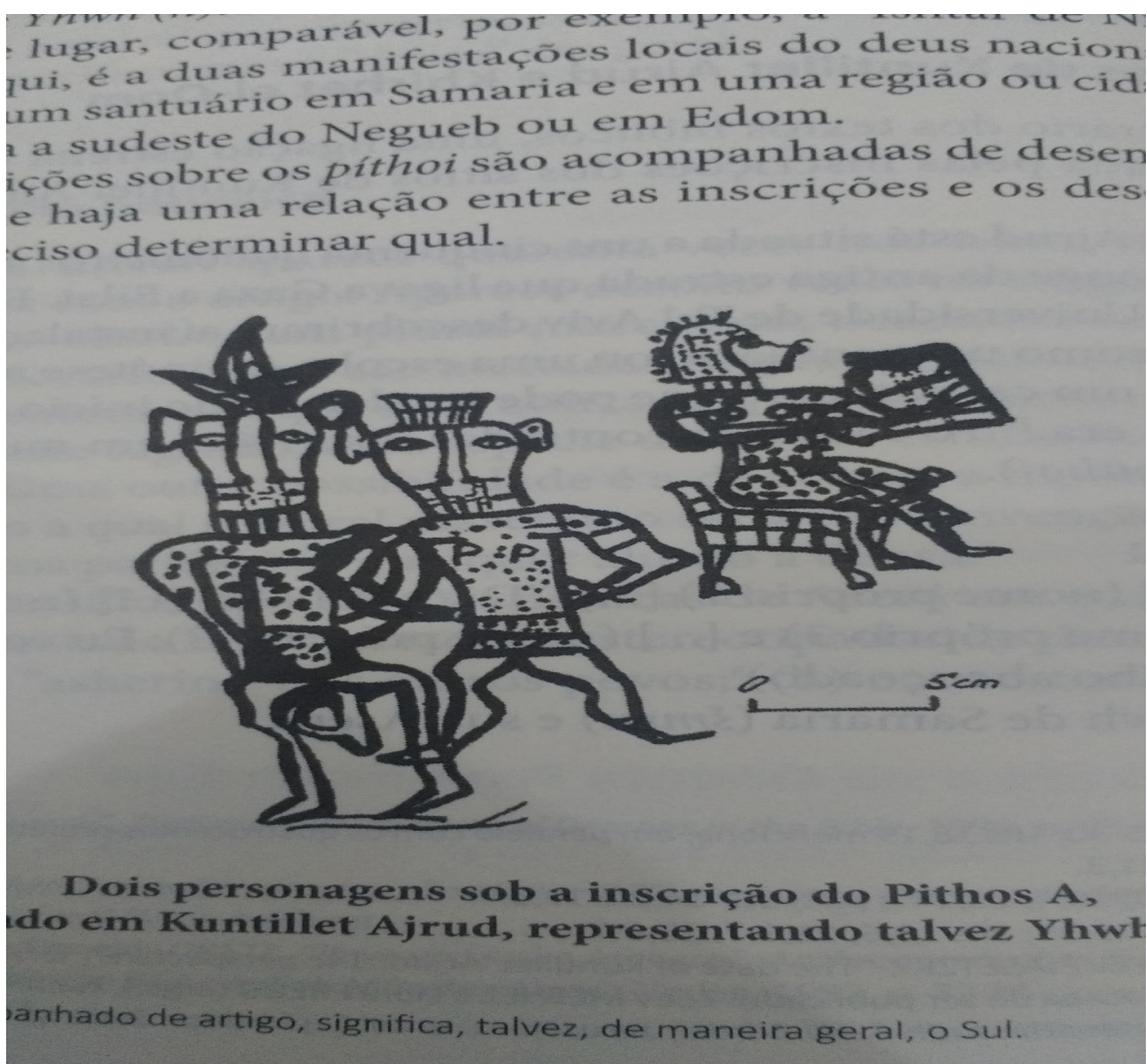


Figura 2: Dois personagens sob a inscrição do Phitos A, encontrado em KuntilletAjrud.
Fonte: Römer (2016).

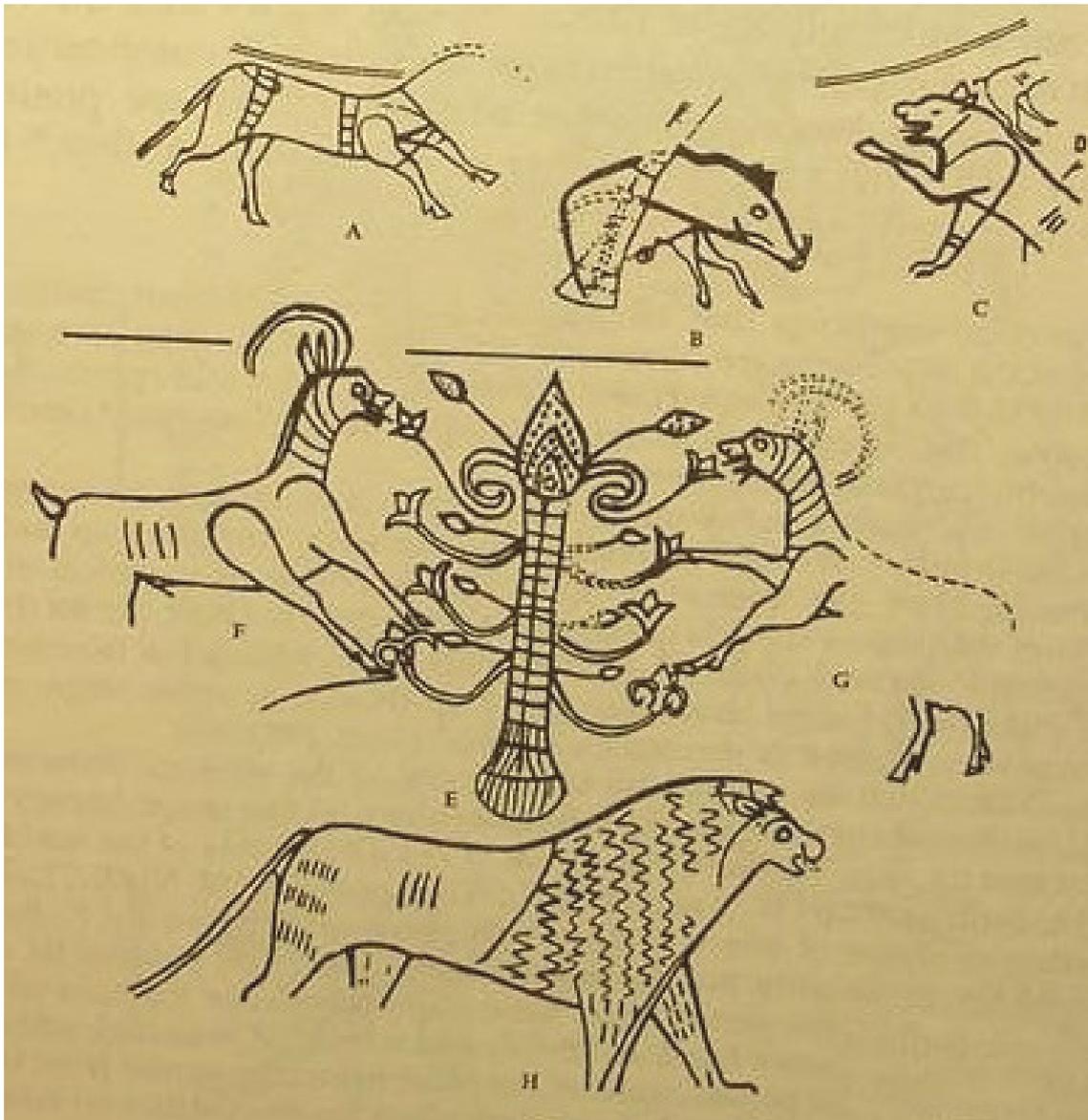


Figura 3: Verso do Pithos A de KuntilletArjud.

Fonte: <<http://www.lebtahor.com/Archaeology/inscriptions/kuntillet%20%20ajrud%20inscriptions.htm>>.

Em Khirbet El Qom, encontrou-se um pilar em um túmulo do séc. 8º - 7º a.C, em condições ruins que impedem uma boa reconstrução. A mais plausível seria: “Uryahu [... algo sobre ele] sua inscrição. Bendito seja Uryahu por Javé (*Iyhwh*), Asherah sua luz, que mantém sua mão sobre ele, por sua *ryp, que...*”. Esta inscrição revela a associação de Javé com Asherah e a função da Deusa como protetora (CROATTO, 2002, p. 32-44).



Figura 4: Inscrição de Khirbet El Qom.
Fonte: <<http://www.imj.org.il/en/placee/khirbet-el-qom>>.

Uehlinger (1997, p. 150-151), por sua vez, identificou o casal Javé e Asherah em uma terracota, aproximadamente de 16 cm, possivelmente de Tell Beit Nirsim, em Judá, datado entre o séc. 8 e 7 AEC. Refere-se a um casal divino sobre um trono, no qual a figura masculina ocupa o lugar central e uma mulher está ao seu lado, e ambos rodeados de animais sagrados, possivelmente leões.

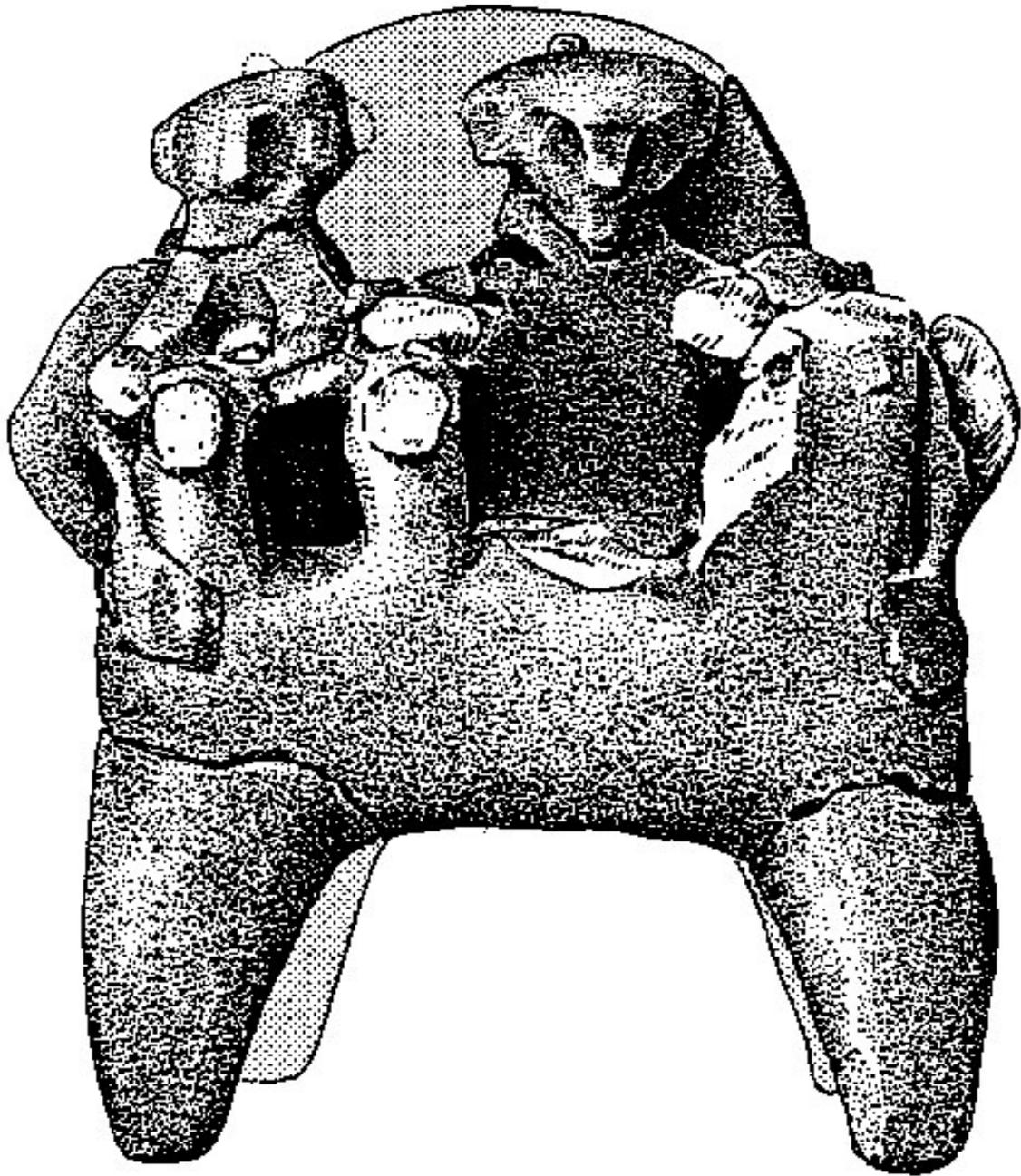


Figura 5: Casal sentado no trono.
Fonte: Uehlinger (1997, p. 151).

Recentemente, Gilmour (2009, p. 87-103), identificou o casal Javé e Asherah em uma imagem estilizada encontrada em um caco nas escavações da cidade de Davi, nos anos 1920, na qual encontra-se uma figura masculina reinando, provavelmente sobre montanhas ou talvez seriam as extremidades do trono, e ao seu lado dois triângulos simbolizando uma figura feminina. Para ele, o triângulo no alto representaria um rosto e o triângulo abaixo um sexo feminino.



Figura 6: Imagem estilizada encontrada na cidade de Davi.
Fonte: <<https://steveawiggins.com/2010/02/05/asherah-to-asherah/>>.

Ademais, diversas estatuetas-postes foram encontradas nas cidades judaítas, datadas entre o séc. 8 e 7 AEC. De modo geral, são estatuetas feitas a mão, compostas de um poste, no qual os seios são sempre colocados em relevo, e muitas vezes sustentados pelas mãos. Sobre este poste, se fixou um busto feminino e uma cabeça moldada. Estas estatuetas se encontram, especialmente, nas casas particulares e também nos túmulos, demonstrando a piedade judaíta desta época. Certamente essas estatuetas são a representação de uma Deusa. A questão é: seria Asherah? Provavelmente sim, visto que essas estatuetas sublinham o aspecto nutriz. Os seios destacam-se, em primeiro plano para a amamentação, ficando o aspecto erótico em segundo plano (RÖMER, 2016, p. 165).



Figura 7: Estatuetas.

Fonte: <<https://rationalfaiths.com/goddess-worship-in-ancient-israel-or-evidence-for-the-mother-god-from-archaeology-and-the-bible/>>.

De acordo com Römer (2016, p. 158-159), na Bíblia Hebraica, a Deusa Asherah pode ser encontrada com o termo correspondente ao seu nome *'ašerah*, geralmente acompanhado do artigo; com o seu símbolo poste-sagrado *'ašerot*; ou no plural masculino *'ašerim*. A partir disto, o autor classifica as menções à Deusa em quatro categorias: 1) o plural atestado nas exortações estereotipadas de destruir os altares, as estátuas e os “asherim” dos outros povos (Dt 7,5); 2) Asherah associada a Baal (1Rs 18,19); 3) *'ašerim* ao lado de *massebôt* (1 Rs 14,23); 4) Asherah relacionada com o altar ou a casa de Javé (Dt 9,16; 2Rs 23,6-7). Todavia, não há ligação direta entre Asherah e Javé nos textos bíblicos, diferente das evidências arqueológicas. Mas, as associações com as *massebôt* e os textos que, de alguma forma, Asherah e Javé possuem uma ligação, sugerem a integração entre Asherah e Javé.

Além disso, alguns exegetas procuram definir o poste-sagrado como um objeto idólatrico, porém, trata-se de um símbolo da Deusa, e, por isso, melhor tradução seria

árvore-sagrada visto que está relacionado com uma das funções da Deusa: dar a vida (CROATTO, 2002, p. 33). Até porque evidências arqueológicas, desde a época do Bronze recente, atestam a relação da Deusa com a árvore estilizada. Por exemplo, foi encontrado um pingente proveniente de Tellel-Ajull, onde se vê um ramo saindo do umbigo da Deusa. Também foi encontrado uma figura da Deusa em Revadim, na qual apresenta uma palmeira flanqueada localizada no alto da coxa da Deusa, próxima ao sexo aberto, e em cada seio havia uma criança lactando (RÖMER, 2016, p. 167).



Figura 8: Figura da Deusa encontrada em Revadim.

Fonte: <<http://museum.imj.org.il/imagine/galleries/viewItemE.asp?case=2&itemNum=198014>>.

Deste modo, as imagens representativas da Deusa nos talismãs de proteção de suas devotas refletem a preocupação com a reprodução. Desta forma, as devotas e os devotos, em sua maioria mulheres, estavam preocupadas/os com a fertilidade familiar. Esse aspecto da religião popular israelita não contradiz, diretamente, a religião javista (DEVER, 2005, p. 193-194).

Esta religião popular, apresentada por Dever (2005, p. 193-194), possui grande ênfase no culto das mulheres e o seu papel em rituais familiares, mas não exclui os homens de sua participação (Jr 7,18). Assim, se todos os aspectos da atividade religiosa popular tenderiam a ser parte de cultos familiares, nos quais o papel das mulheres, se não dominante, é fundamental, a padroeira da família é, por-

tanto, Asherah. De acordo com o autor, Javé, a divindade masculina, é descrita como um Deus guerreiro, vingativo, e dificilmente estaria acessível para as necessidades familiares.

Além do aspecto familiar, as devotas também praticavam rituais de oferendas e até mesmo rituais para cura. Por exemplo, Gomer, segundo Ottermann (2006, p. 279), significaria “Filha dos bolos de figos”, uma mulher que sabe prepará-los e utilizá-los em ritos culturais e curadores, e não simplesmente uma prostituta. Estes ritos não estão vinculados a Javé, mas à “sua Asherah” que, no livro de Oséias, está em vias de ser rejeitada e repudiada. Esses bolos poderiam ser feitos com tâmaras ou uvas. São bem compactos e concentrados, e mui popular na alimentação e no culto (1 Sm 25,18; 1 Cr 12,41), e com forças curadoras (2 Rs 20,7; 1 Sm 30,11-12).

Observa-se, portanto, que o culto à Deusa Asherah era presente na vida do povo israelita. Contudo, com a reforma de Josias, em 622 a.C., houve a destruição dos santuários de Israel e Judá, e a centralização do culto em Jerusalém. Nesse processo, Josias suprimiu as práticas de culto nativas, entre elas, o culto a Asherah e a Baal, removeu os lugares altos, destruiu a casa da prostituição sagrada do Templo de Jerusalém, assassinou sacerdotes e expulsou as mulheres “que teciam vestes para Asherah” (2 Rs 23,4-7). Esta ação no combate às Deusas continua também, e principalmente, no pós-exílio.

AS SAGRADAS DE ASHERAH

O culto à Deusa Asherah era popular entre as mulheres, mas não restrito (Jr 7,18). Trata-se de um culto familiar. Entretanto, é presumível a popularidade entre as mulheres. Por outro lado, como os dados arqueológicos relevantes estão apenas começando a ser publicados e discutidos, qualquer retrato de “cultos femininos” no Antigo Israel deve ser provisório.

De acordo com Dever (2015, p. 191-192), os cultos de mulheres eram centrados na vida familiar, cuja preocupação era a perpetuação da herança familiar em todos os seus aspectos. Os cultos femininos funcionavam a partir de rituais não-literários, nos quais as mulheres poderiam presidir. Os atos rituais específicos teriam incluído a manutenção de santuários domésticos e santuários de aldeias; orações e fazer votos; vários tipos de ofertas de animais, alimentos e bebidas, e oferecendo presentes para os Deuses; a manipulação dos objetos cúlticos; produção doméstica, como a tecelagem, acompanhada de rituais apropriados; a preparação de comida e bebida, especialmente para festas e festivais locais prescritos (não necessariamente aqueles descritos na Bíblia); acolhimento a lua nova; a celebração de eventos do ciclo da vida, tais como concepção, nascimento, desmame, o início da puberdade, noivado e casamento, doença e

recuperação, morte e luto; veneração dos ancestrais; e peregrinações aos santuários dos santos locais.

Ademais, no culto a uma divindade há pessoas que executam diversos serviços para esta deidade. No caso da Deusa Asherah, é fundamental compreender quem seriam as *qedesot* “santas”, e também os *qadesim* “santos”. Os termos hebraicos referem-se a prostitutos e prostitutas, respectivamente, os quais teriam sido inseridos no templo com Roboão, no séc. 10 AEC. (1Rs 14,24). Além disso, o termo *qds(h)* em textosugaríticos indica que são pessoas não sacerdotais dedicadas a uma divindade. Era permitido casar, ter filhos e serem dispensadas dos serviços pelo rei. Nos textosugaríticos não há indícios sobre a atividade sexual dessas pessoas. Isto pressupõe a partir de Dt 23,18-19, que provavelmente seja da época de Josias, ao colocar em paralelismo prostituta sagrada (*qedesah*) com prostituta (*zonah*) e prostituto sagrado (*qades*) com “cão” (*keleb*) (RÖMER, 2016, p. 194).

Para Römer (2016, p. 194-195), é possível assumir a relação entre as mulheres que teciam vestes para Asherah e a casa dos *qadesim*, relatados em 2Rs 23,7. Se a casa dos *qadesim* é o mesmo lugar onde as mulheres confeccionavam vestimentas para a Deusa, pode-se supor que os *qadesim* seriam como travestis² ou eunucos, bem conhecidos a serviço da Deusa Ishtar, da qual Asherah poderia ser o equivalente. A proibição do travesti pelo Deuteronômio (Dt 22,5) corrobora com esta hipótese. O autor ressalta que na mesopotâmia a “casa de Ishtar” poderia designar também o bordel, e existe a ligação entre a prostituição e o culto de Ishtar. Textos neobabilônicos de Uruk parecem indicar que o clero alugava mulheres para homens ricos como fonte de renda para o santuário. Deste modo, é possível a existência de prostitutos sagrados e prostitutas sagradas no templo de Jerusalém.

Entrementes, optamos por utilizar o termo sagradas/sagrados ao referirmos às *qedosot* e *qedosim*, a fim de evitar qualquer conotação equivocada com o termo “prostituta/o”, uma vez que os termos hebraicos denotam a separação de uma pessoa para o serviço de uma divindade, mesmo que esse serviço incluía a prática do sexo em seus rituais, pois para elas/es o sexo fazia parte do ritual de serviço à Deusa.

SEXO SAGRADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CULTO DA FERTILIDADE

A fertilidade da terra e da mulher para ter filhos e filhas era uma das questões importantes da vida cotidiana, como vemos na narrativa da súplica de Ana para engravidar (1Sm 1,1-18). O serviço à Deusa da vida, provavelmente, incluía o sexo sagrado como uma das práticas cúlticas. Optamos pelo termo “sexo sagrado” ao termo “prostituição sagrada”, pois trabalharemos da perspectiva do

sexo como um ato ritual destituído de qualquer conceito moral, uma vez que o termo “prostituição sagrada” carrega sobre si a conotação de promiscuidade e, em alguns aspectos idolatria³, na prática dos cultos da fertilidade.

Esta prática cültica parece ser comum no Antigo Oriente Próximo, como já mencionamos a Casa de Ishtar e Textos neobabilônicos de Uruk que fazem referência a tais práticas. Além disso, textos da antiga Ugarit, como por exemplo, *Os amores de Ba'al e 'Anatu'* apontam para Ba'al como Deus que garantia a fertilidade à vegetação e aos animais mediante relação sexual. O texto relata que a Deusa 'Anatu encontra-se com Ba'al nos juncais de Šamaku, região próxima ao extinto lago Hule, e ali o Deus tem relações com ela e com duas novilhas. E, dessa maneira, nasce um filho/bezerro para Ba'al (LETE, 1981, p. 468-474). Segundo Lete (1981, p. 467) este texto seria uma narrativa mítica relativa ao tema da fertilidade e que, provavelmente, era utilizado nos cultos de fertilidade.

Outro poema que pode contribuir para a hipótese de sexo sagrado é o que se refere ao nascimento dos deuses formosos e graciosos, Šahru e Šalimu, gerados por 'El, ao engravidar duas mulheres. De acordo com Lete (1981, p. 439), este texto ugarítico pode se referir a uma cerimônia de fertilidade, porém o autor o coloca apenas como recitativo.

Como vimos estes textos e até, provavelmente, textos semelhantes em Israel teriam lugar no culto de fertilidade. Mas, haveria a ritualização dos conteúdos destes textos em alguma forma de *hieros gamos*? Possivelmente.

Todavia, não há consenso na pesquisa sobre a existência ou não das práticas sexuais nos cultos de fertilidade. Para Budin (2008, p. 1-3) a “prostituição sagrada” nunca existiu no antigo Oriente Médio e nem no Mediterrâneo. Para a autora, fora construído uma imagem em torno da “prostituição sagrada” visto que as fontes arqueológicas e textuais não sugerem a prática do sexo sagrado. Apenas apontam para o serviço sacerdotal das *qedosot*.

Entretanto, a glíptica dos cilindros encontrados na Palestina, datada no período da Idade do Bronze Recente (1500-1200 AEC) apresenta imagens de seres humanos que, conforme o pioneiro dos estudos destes achados, Ben-Tor (*apud* MIROSCHEJJI, 2011), seriam “cenas de culto”. Essas impressões podem ser subdivididas em três subgrupos que ilustram vários momentos de uma única cerimônia cultural, conforme Miroschedji (2011, p.75): o encontro de um homem e uma mulher, protagonistas desta cerimônia; *hierogamos*; as festividades em torno da cerimônia.

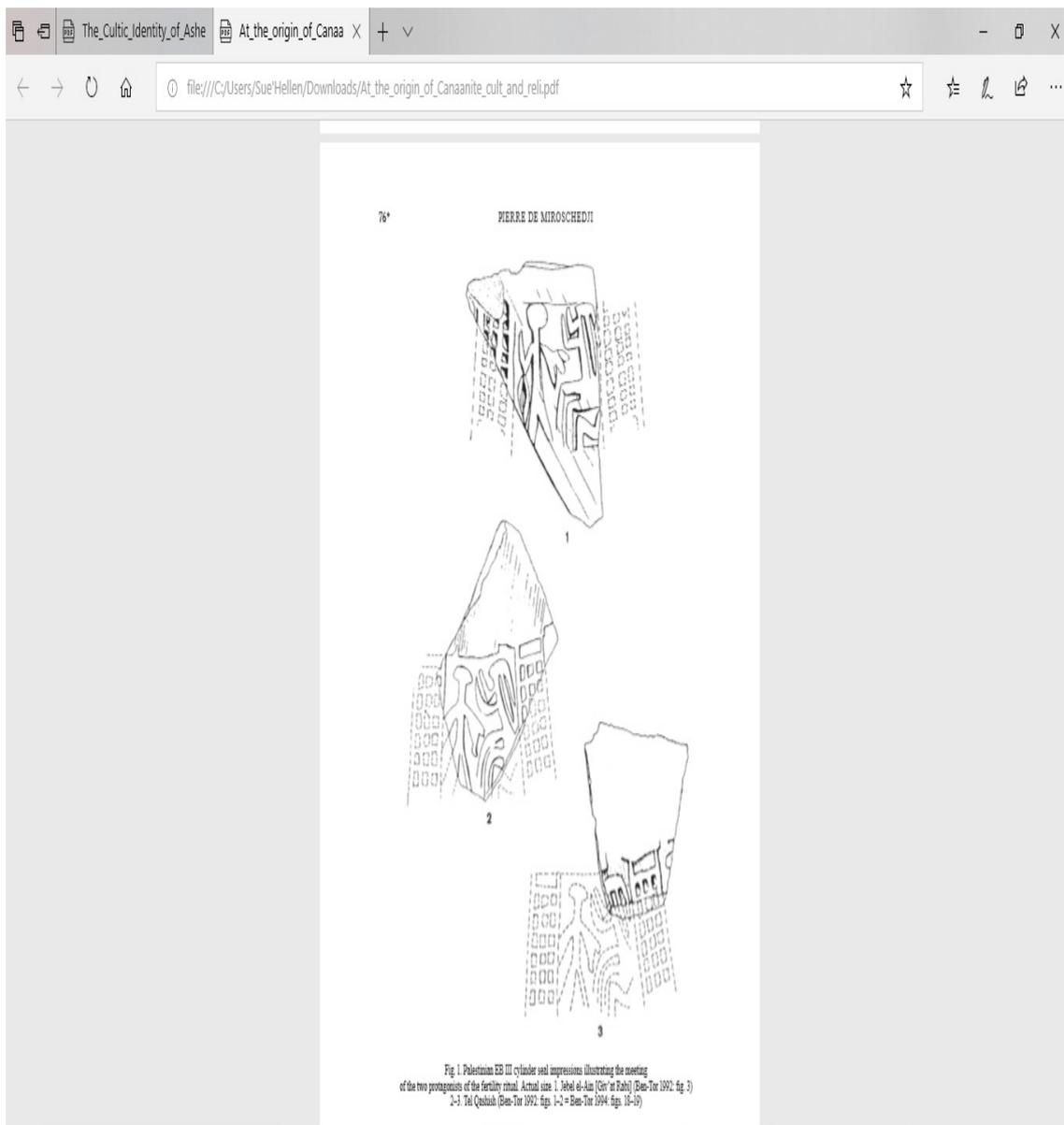


Figura 9: Glíptica dos cilindros da Palestina
Fonte: Miroschedji (2011).

Estas impressões das imagens acima mostram duas figuras perto se “encontrando”. A figura à esquerda é provavelmente masculina: a cabeça é redonda, oval ou achatada, o corpo alongado, as pernas curtas e semelhantes a um tronco. Em algumas impressões, os braços alargam em suas extremidades, como se o homem estivesse segurando um galho de folhagem em cada mão. A figura de frente para ele e para quem ele parece estar avançando está sentado em um banquinho e levanta os braços num gesto de boas-vindas. Entretanto, há uma dificuldade de se dizer se é um animal com chifres, ou uma mulher e suas tranças. Mas para Miroschedji seria a sacerdotisa. Atrás da figura sentada há um

desenho retangular vertical preenchido com linhas de pequenos quadrados, exibindo duas protuberâncias no topodos lados laterais, interpretado como possivelmente, uma evocação a um edifício (MIROSCHEJJI, 2011, p. 75).

Sendo assim, é plausível conceber a existência do sexo sagrado como rito do culto de fertilidade. Ainda mais, se considerarmos que um dos símbolos da Deusa Asherah é a árvore, e em várias imagens de sua representação aparece um galho, provavelmente esta glíptica representa o sacerdote e a sacerdotisa de Asherah na execução do sexo sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS⁴

A partir dos dados levantados pela Arqueologia, juntamente com os indícios textuais da Bíblia Hebraica, observamos que o culto à Deusa Asherah não se restringia apenas a religião popular do Antigo Israel, mas também encontrou seu espaço no culto estatal. Presumidamente, houve algumas mudanças das práticas, por exemplo, as representações encontradas da Deusa a retratam nua, já a menção às mulheres que a serviam no templo de Jerusalém relata que estas estavam “tecendo vestes à Asherah”. No culto “oficial”, a Deusa precisa vestir-se. Isso nos abre um leque para discorrermos sobre essa dinâmica do culto à Deusa e o serviço de suas sacerdotisas.

Observamos também que, embora haja tentativas de não sexualizar o culto de fertilidade no Antigo Israel, evidências arqueológicas encontradas em Israel e no Antigo Oriente Próximo corroboram para esta hipótese. Porém, muito mais do que prostituição sagrada, há o sexo sagrado. Não se trata da “venda” do corpo, mas da oferta a divindade em busca de fertilidade para a família, no caso da devoção à Asherah, a busca pela maternidade.

THE SACREDES OF ASHERAH: WHORSHIP TO THE GODDESS IN ANCIENT ISRAEL

Abstract: the present article proposes to make a survey about the fertility cult and the roles of the women sacred (qedoshot) of Asherah, and also of the men sacred (qedoshim) that were part of this cultic environment, considering the popular and state religion in Ancient Israel. For this, a brief commentary is needed on the dynamics between popular and state religion in Ancient Israel and the archaeological and textual evidence on the worship of the Goddess Asherah, so that one may discuss the fertility cult and the sacred women to service of the Goddess.

Keywords: *Priestess. Asherah. Cult. Goddess. Cult of Fertility.*

Notas

- 1 De acordo com Finkelsten (2015, p. 168) a rota comercial na qual Kuntillet ‘ajrud está localizado, era controlada pelo Reino de Israel, pelo menos, na primeira metade do séc. VIII, nos dias de Jeroboão II.
- 2 O autor utiliza do conceito moderno para referir-se aos homens que se vestiam com roupa femininas para os rituais cúlticos.
- 3 Tendo em vista os diversos textos bíblicos que condenam os cultos de fertilidade, partindo da crença em um Deus único, apontamos a questão idolátrica que recai sobre o termo “prostituição sagrada”. Partimos, portanto, da análise do rito em si, denominando-o de “sexo sagrado”.
- 4 O tema abordado neste artigo é o eixo de minha pesquisa de Doutorado, por isso, alguns conceitos aqui apresentados estão em construção.

Referências

- ANTHONIOZ, Stéphanie. Astarte in the Bible and her relation to Asherah. In: SUGIMOTO, David T. (Ed). *Transformation of a Goddess: Ishtar, Astarte, Aphrodite*. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2014. p. 125-139.
- ALBERTZ, Rainer; SCHMITT, Rüdiger. *Family and Household Religion in Ancient Israel and the Levant*. Wionona Lake: Eisenbrauns, 2012.
- BUDIN, Stephanie Lynn. *The myth of sacred prostitution in antiquity*. Cambridge/Nova York: Cambridge University Press, 2008.
- CORDEIRO, Ana Luísa Alves. *Onde estão as Deusas? Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2011.
- CROATTO, Severino. A deusa Aserá no antigo Israel. A contribuição epigráfica da arqueologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v. 38, p. 32-44, 2002.
- DEVER, William. *Did God have a Wife? Archeology and Folk Religion in Ancient Israel*. Cambridge: William B.Eerdman S. Publishing Company, 2005.
- DEVER, William G. Israelite Woman as “Ritual Experts”: Orthodoxy or Orthopraxis? In: ACKERMAN, Susan; CARTER, Harles E.; NAKHAI, Beth Alpert (Eds.). *Celebrate Her for the Fruit of Her Hands: Essays in Honor of Carol L. Meyers*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2015. p. 187-203.
- FINKELSTEIN, Israel. *O Reino esquecido: Arqueologia e História de Israel* Note. Tradução: Silas Klein Cardoso; Élcio Valmiro Sales de Mendonça. São Paulo, 2015.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Tradução: Josué Xavier. São Paulo: Paulus/Santo André: Academia Cristã, 2008.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Teologia no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007.
- GILMOUR, Garth. An Iron Age II Pictorial Inscription from Jerusalem illustrating Yahweh and

- Asherah. *Palestine Exploration Quarterly*, Londres, n. 141, v. 2, p. 87-103, 2009.
- KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.
- KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus, 2016.
- LETE, Gregorio del Olmo. *Mitos y leyendas de Canaán segun la tradicion de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.
- MIROSCHEJJI, Pierre de. At the origin of Canaanite Cult and Religion: The Early Bronze Age fertility ritual in Palestine. In: AVIRAM; Joseph et al. (Orgs.). *Eretz-Israel: Archeology, Historical and Geographical Studies*. Jerusalem: The Israel Exploration Society, v. 30, 2011. p. 74-103.
- OTTERMANN, Monika. Eu sou tua Anat e Aserá. YHWH e Aserá (não só) no Livro de Oséias. In: DREHER, Carlos A. et al. (Orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 273-282.
- RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. Tradução: Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016.
- UEHLINGER, Christoph. Anthropomorphic cult sanctuary in Iron Age Palestine and the search for Yahweh's cult images. In: TOORN, Karel Van Der. *The Image and the Book: Iconic Cults, Aniconism, and the Rise of Book Religion in Israel and the Ancient Near East*. Leuven: Uitgeverij Peeters, 1997. p. 97-156.